

O OLHAR DO EDUCADOR À LUZ DAS MUDANÇAS CULTURAIS

Mércia Socorro Ribeiro Cruz¹

O povo tem a cultura que recebeu dos antepassados. Recebeu-a pelo exercício de atos práticos e audição de regras de conduta, religiosa e social. O primeiro leite da literatura oral alimentou as curiosidades meninas.

Câmara Cascudo.

A educação atual nos remete a inúmeros desafios que atingem não apenas o aspecto teórico, mas também as situações práticas do processo educativo. Pensar em Educação é, antes de tudo, vislumbrar o fazer que se adequa à nossa realidade, não perdendo de vista que urgem ao educador, um olhar amplo, voltado para temas diversificados tais como ética, ecologia, lazer, participação, esperança, ordem econômica internacional, cultura, direitos humanos, arte, globalização, interdisciplinaridade, etc.

Contudo, essa diversidade do conhecimento humano não deve ser pensada ou trabalhada de forma isolada, tendo em vista uma época onde as culturas se misturam, há uma heterogeneidade de saberes e fazeres culturais acontecendo com uma rapidez e fruição, devido ao fenômeno da globalização, de modo que o olhar do educador precisa acompanhar tais modificações, adequá-las à realidade inserida em seu universo cultural, não perdendo a percepção, enquanto educador, de ser o elemento facilitador nesse papel de intermediar o processo da aprendizagem.

Conforme Morin (2001) os sete saberes necessários à educação do futuro são o conhecimento, o conhecimento pertinente, a identidade humana, a compreensão humana, a incerteza, a condição planetária e a antro-poética, termo por ele criado para designar os problemas da moral e da ética. Portanto, não tem nenhum programa educativo, escolar ou universitário, sendo definido como: pertinente aos sete buracos negros da educação, completamente ignorados, subestimados ou fragmentados nos programas educativos.

¹ Especialista em Metodologia e Didática do Ensino Superior e especialista em Estudos Comparados em Literaturas de Língua Portuguesa –, Mestranda em Cultura e Turismo pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC (2008-2010) Integrante do Grupo de Pesquisa Identidade Cultural e Expressões Regionais – ICER/DLA/UESC. Artigo apresentado no I Encontro Interdisciplinar de Cultura e Educação das Faculdades Jorge Amado – I INTERCULTE, em Salvador – Ba, em 07/11/2006. E-mail: mercia_melrc@hotmail.com/ www.uesc.br/icer

Cultura e Educação integram um caminhar que estão estreitamente relacionados, de modo que mudanças culturais da contemporaneidade naturalmente implicarão em impactos sobre as teorias educacionais, visto defrontarmos com necessidades, identidades, culturas e aspectos sócio-político e econômico diversos daqueles criados, em conformidade com a realidade contextual de alguns teóricos passados, porém, isso não quer dizer que tais teorias devem ser desprezadas no seu eixo pragmático, mas avaliadas naquilo que elas têm de bom para ser aplicado a uma realidade diferenciada, de acordo com a pluralidade de olhares, ou seja, posturas tomadas pelo educador na construção do fazer, no compartilhar o conhecimento, na busca e no encontro de idéias com seus alunos.

Dentro do paradigma construtivista o fato do aprendiz estar construindo algo do seu interesse e para o qual ele está bastante motivado, cria um envolvimento afetivo que torna a aprendizagem mais significativa. Trazer esse envolvimento do aprendiz para o conteúdo trabalhado é despertar o interesse e a participação efetiva que propiciará a busca do saber, o apreciar e o fazer. Isto é educar com qualidade relacionando o aprendizado com as vivências culturais, desmistificando a idéia de realidades isoladas do ensino sem função, sem adequação.

Conduzir o conhecimento à luz das mudanças culturais tendo por base a realidade vivenciada pelo educador junto aos educandos, é, primeiramente, priorizar em educação que o homem cria a cultura, a arte, o saber a partir de suas buscas, de sua identidade e também se referindo as suas memórias, dentro de um contexto sócio, político, histórico e cultural.

A partir do conceito de cultura e educação serão traçados os diversos olhares do educador a respeito dessas vertentes sob a tônica atual: o que motiva o educador no seu trabalho diário? De que modo o aspecto cultural perpassa o âmbito educacional? São questões que nos levam, enquanto educadores, a refletir sobre o fazer educacional que nos identifica culturalmente e perfaz caminhos dos diversos fazeres pedagógicos nos dias atuais.

Segundo Hall (2003) numa visão antropológica do temo cultura popular, esta é definida como valores, costumes e mentalidades (folkways) do “povo”. Aquilo que define seu “modo característico de vida” (p. 256). Importa pontuar que, causa certa estranheza ao escritor tal definição, pois delimita o conceito de popular através de um inventário descritivo. A intenção não é categorizar o que o povo faz ou não faz, uma vez que com o tempo os conteúdos dessas categorias mudam ou se diluem. Para Hall, o

termo popular em qualquer época, considera as formas e atividades cujas raízes se situam nas condições sociais e materiais de classes específicas, não incorporadas a tradições e práticas populares. Não se fala em culturas fixas, a cultura é permanentemente transformada mostrando que o que foi erudito em épocas passadas pode ser considerado moderno no contexto popular da atualidade.

Acompanhar tais mudanças tendo em mente que a cultura é um campo de produção de significados e negociações, onde vários determinantes atuam é de extrema necessidade por parte daquele que traz a informação, que trabalha o conhecimento e se propõe a educar. Isso nos leva a repensar a proposta que temos no papel de educadores, na postura individual que assumimos no fazer diário frente aos nossos alunos.

À luz da pedagogia humanista de John Dewey (1959), entende-se educação como um processo circunscrito socialmente e simultaneamente capaz de modificar estruturas, pela formação de novos tipos de subjetividade e pela articulação com as demais lutas sociais. Tal conceito remete ao modo como a educação democrática nos permite estruturar uma subjetividade de forma autônoma naquele que é o educando.

A LITERATURA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL

Quando tratamos da Literatura, por exemplo, encontramos um universo onde realidade e ficção se entrelaçam e, parte da História torna-se influenciadora do processo de criação e se reveste de uma realidade imaginada pelo escritor, cuja inspiração traz como pano de fundo, muitas vezes, uma identidade local, a memória e modo de vida de um povo em um tempo avaliado na narrativa revestida do imaginário.

Ser um influenciador contagiante na apresentação do conteúdo literário, despertando o interesse e, também, a curiosidade em nossos alunos é dosar com criatividade o gosto pela arte, o saber apreciar uma obra, compreender o processo de criação de um poeta ou um escritor no tempo da narrativa, enfim, é estar “acordado” para as questões identitárias, para a memória, para o *sentimento de pertença* (HOBSBAWM, 1997) que oportunizará o gosto pelo desempenho literário.

A Literatura, de acordo com a Constituição Federal no inciso 2º do artigo 1º de 27 de maio de 1998, é tida como patrimônio cultural imaterial de relevância nacional para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira e está vinculada ao registro de saberes, enraizado no cotidiano das comunidades. Além disso, a literatura

enquanto veículo de cultura pode ser articulada a outras disciplinas como o turismo, tomando como condutores os trânsitos e as linguagens midiáticas (SIMÕES, 2006).

Sob esse viés, o olhar do educador perpassa o aspecto cultural de modo que educação e cultura não se desassociam e quando o aluno pesquisa literatura está envolvido em cultura, descobrindo novas perspectivas como forma de expressão na arte, no artesanato, no folclore, na dança, na música, escultura, teatro, enfim, em uma infinidade de coisas que estão relacionados com o universo literário e com o cotidiano que norteia as nossas vivências.

A literatura, a arte e a cultura educam e trazem perspectiva ampla no aspecto interdisciplinar renovando-se constantemente:

Embora a literatura esteja presa a uma linguagem, em relação à sua transnacionalidade, a tradução e a distribuição oportunizam a sua condição de competitividade em relação às demais expressões artísticas. A hipermediatização é outro fator favorável, quando a interlocução de linguagens faz um texto literário ser re-lido pelo teatro, pelo cinema ou pela telenovela e divulgado pela mídia em esfera mundial (como ocorre mais significativamente com a exportação das novelas brasileiras) (SIMÕES, 2006, P.12).

A inserção do ensino de arte nos currículos escolares brasileiros é uma antiga reivindicação de artistas e produtores culturais e um dos grandes desafios enfrentados pelos profissionais da educação. Surgiram avanços neste sentido, proporcionados pela Lei nº 9.394/96, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB). Nela, em seu artigo 26, parágrafo segundo, consta que “o ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. Porém muitas dificuldades ainda existem para que esse item da LDB seja normatizado e aplicado. Acrescenta-se a isso o despreparo dos professores e fontes de consulta nem sempre acessíveis.

Em Mato Grosso do Sul, a administração estadual, artistas, produtores culturais e educadores vêm discutindo o tema a pouco mais de um ano, no intuito de sensibilizar gestores públicos e sociedade sobre a urgência na efetivação do que está previsto na LDB.

O projeto intitulado “Cultura, Arte e Educação em Mato Grosso do Sul”, resultou na produção de kit didático-pedagógico, composto por Livro Base (subsídio teórico); Livro Propostas Abertas (aplicações práticas), Série de Pranchas com Imagens Artísticas e um DVD interativo, com entrevistas, fotos, músicas e documentos sobre a

cultura e a arte de MS. O material aborda a Literatura, Artes Plásticas, Cultura Popular, Cinema, Dança, Música, Teatro, Patrimônio Histórico e Memória.

Observa-se com isso que existe um movimento entre educadores, produtores culturais e órgão pertinente no intuito de oferecer uma melhor qualidade no ensino da literatura que abarca a cultura e a arte de Mato Grosso do Sul e isso pode ser feito em todo Brasil, valorizando a diversidade cultural existente neste país.

Repensar o planejamento e objetivos que se queira alcançar na formação do aprendizado do aluno, tendo na figura do professor/educador aquele que facilita o processo desse aprendizado, o intermediador na formação de um ser crítico, político e capaz de formar opinião amadurecida sobre o objeto de seu estudo e sobre a própria vida, é compromisso do educador.

O CAMINHAR DO EDUCADOR NA ATUALIDADE

A Educação se desdobra no seu papel e se oportuniza estar presente em casa, na rua, na igreja, nas mídias em geral, na escola e em toda parte, conforme Brandão (1981) para saber, para fazer, para ser ou para conviver todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias. (...) Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar em que ela acontece; o ensino escolar não é a única prática, e o professor profissional não é o único praticante.

Nessa perspectiva, a sociedade humana tem papel preponderante e incorpora uma sociedade pedagógica. Sabemos que tanto a mídia, através da tecnologia, Internet, televisão, rádio e jornais assim como todo material de informação cumprem esse papel do pedagógico na sociedade, fato que implica um acompanhamento e orientação do educador voltado para o contexto atual com o olhar seletivo sobre o que chega como informação.

Atualmente, a presença do pedagógico extrapola o âmbito escolar e o aluno recebe a informação com mais rapidez e com isso há necessidade que o professor esteja atento à velocidade da informação, e também, esteja informado obviamente, a fim de possibilitar uma troca de conhecimento com seu aluno. Uma vez que, devido à influência gerada pela mídia, este, recebe mais essa intervenção pedagógica, que pode ser uma soma no seu aprendizado ou apenas mais uma forma de dominação ou manipulação de pensamentos; cumpre ao educador o papel de orientação da ação educativa.

A pedagogia que tem por objeto de estudo a educação enquanto prática social constrói a teoria pedagógica, daí o seu caráter mais amplo e globalizante. Conforme texto sobre didática e formação de professores:

Enquanto área da Pedagogia, a Didática tem no ensino seu objeto de investigação. Consideração como uma prática educacional em situações historicamente situadas significa examiná-lo nos contextos sociais nos quais se efetiva – nas aulas e demais situações de ensino das diferentes áreas do conhecimento, nas escolas, nos sistemas de ensino, nas culturas, nas sociedades -, estabelecendo-se os nexos entre eles. As novas possibilidades da Didática estão emergindo das investigações sobre o ensino enquanto prática social viva (PIMENTA, 1997, p. 53).

Conferir dentro da proposta de ensino a teoria que se adequie a realidade vivenciada pelo educador, trazendo autenticidade para o fazer pedagógico e tendo o aspecto cultural como um campo de produção de significados é permitir que novos caminhos do fazer pedagógico surjam e que outros sejam redimensionados. É pertinente lembrar que o bom educador é aquele que contagia o seu aluno por tanto amar o que faz.

UM OLHAR PARA A EDUCAÇÃO ALÉM DAS TEORIAS

São diversos os problemas da educação, contudo são verdadeiros desafios e atingem não apenas o aspecto teórico, mas, especificamente, as situações práticas do processo educativo. A crise educacional diz respeito não apenas a escola, mas encontra-se além dela, visto ser esta, produto de uma classe dominante que planeja e determina as bases que alicerça o seu fazer pedagógico. Conforme Passos, em seu texto *Além da Escola*, romper com padrões de atitudes e comportamentos cristalizados é urgente para a escola que necessita acompanhar as transformações de uma sociedade que sofre mudanças constantes na sua história, nos campos da ciência e da vida humana de modo a atingir a ação pedagógica.

Educar é, antes de tudo, ser capaz de formar indivíduos críticos e criativos. Se isso não ocorre, não está sendo cumprido o papel da educação. Assim, o cotidiano é o grande tema da reflexão pedagógica e deve estar presente no cotidiano da escola. Isso constitui um desafio que deve ser levado por aqueles que fazem à educação.

A cultura expressa o cotidiano, as vivências, a memória e a identidade de um povo. Ela educa e refaz caminhos que dão sabor a arte de educar. Refletir sobre cultura

e educação é reavaliar caminhos de evolução. Uma não existe sem a outra. A criatividade, a autenticidade, a inovação, a beleza, a renovação, a inteligência é imprescindível tanto a uma quanto à outra.

Educar implica uma conduta do professor que entenda o ensino como mediação considerando os conhecimentos, as experiências e os significados que os alunos trazem para a sala de aula respeitando o seu modo de pensar e trabalhar, tendo em mente modificar a idéia de uma prática pluridisciplinar para uma prática interdisciplinar, ou seja, é fundamental que seja considerado os problemas da vida real na sociedade (global e local) a realidade com a qual o aluno está envolvido. Aqui o mais importante é que o aluno conheça não por conhecer, mas aprenda a fazer uma ponte entre o conhecimento científico e a cognição prática, isto é, conhecer a realidade para transformá-la.

Assim, o professor/educador deve conhecer estratégias do ensinar a pensar, ensinar a aprender. De modo que o aluno desenvolva a percepção crítica dos conteúdos, contribuindo para a formação de indivíduos críticos, o que possibilitará também desenvolver a capacidade comunicativa. Os recursos que poderão ser utilizados são vários devendo estar atento aos impactos das novas tecnologias da comunicação e informação na sala de aula (televisão, vídeos, games, computador, Internet, CD-ROM, etc). Caso o educador esteja atento poderá fazer melhor proveito na interpretação de interpretações fragmentadas dos diversos meios de comunicação para chamar a atenção do aluno com relação à interpretação dada às mesmas.

Além disso, o educador deve estar atento à diversidade cultural, como já foi dito, e respeitar as diferenças no contexto da escola e da sala de aula, visto que o papel de educar não compete somente à escola sendo importante respeitar a realidade concreta da diferença entre as pessoas. Tal procedimento implica investir na atualização científica, técnica e cultural, como ingredientes do processo de formação continuada. Ao educador fica a incumbência de capacitar o aluno para lidar de modo eficiente com problemas surgidos nas mais variadas situações, tanto do trabalho quanto sociais, culturais, éticas, etc.

Atualmente, muito se fala na pedagogia do amor e sabemos que a dimensão afetiva interfere no processo de aprendizagem de modo bastante positivo. O olhar do educador aponta caminhos e buscas que pode fazer tamanha diferença no processo de aprendizagem.

É importante desenvolver o comportamento ético e saber orientar os alunos em valores e atitudes em relação à vida, ao ambiente, às relações humanas, a si próprios. Nisso o papel da escola é muito singular e isso não se deve perder de vista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acompanhar as mudanças culturais, estar atento às necessidades básicas do aprender a aprender, fazendo isso com gosto e prazer, possibilita, sem dúvida, uma percepção apurada de como adequar à teoria a prática, de modo que o procedimento adotado pelo educador some sempre mais na qualidade do aprendizado e oportunize novos caminhos para a educação e a cultura.

É certo que não há uma fórmula pronta para educar com tamanha eficiência, professor e aluno constroem e perfaz caminhos juntos, um motivado pela vontade de acertar e dar sempre o melhor naquilo que faz, o outro estimulado pela vontade de aprender no universo do conhecimento humano. Assim, não é só o professor que ensina, ele também aprende com seu aluno.

Sabemos também que nem tudo é de responsabilidade do educador, visto este, estar inserido em um sistema de ensino que diz como tem que ser feito, mas a criatividade e a vontade, contam muito para que as mudanças venham a ocorrer.

Lembremos que a arte, a cultura e a educação são caminhos para educar o homem e fazê-lo melhor na forma de expressão e de comunicação de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Carlos. **Origens da Educação Pública**. São Paulo, Loyola, 1981.

HTTP// www.google.com.br/ Scielo Brasil, **Definição do conceito de Educação**. Acesso em 04/11/2006.

HTTP// www.google.com.br/ MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Publicado no Boletim da SEMTEC – MEC –Informativo eletrônico de Secretaria de Educação, Média e tecnológica – Ano 1 –Número 04 – Junho/Julho de 2000.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Liv Sovik (org.) UFMG, 2003.

HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

PASSOS, Mauro. **Reflexão sobre o homem, a moral e a educação no texto: “Além da Escola”**. COLTEC, UFMG.

PIMENTA, S. G. **Alternativas do ensino de didática**. Campinas, São Paulo, Papirus, 1997.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. (org.) **Identidade Cultural e Expressões Regionais**. Editus-UESC, 2006.